

DESVENDANDO O PORTUGUÊS AMAZÔNICO: AVANÇOS NA DOCUMENTAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Raquel Meister Ko. Freitag¹

O Brasil não conhece o Brasil. Sete estados do Brasil que correspondem a quase metade de toda a extensão de nosso território costumam ser referidos por “Amazônia” ou “região Norte”, como se fossem um pacote fechado e homogêneo de realidades e culturas. E também de línguas. Desde a primeira proposta de divisão dialetal do Brasil, por Antenor Nascentes, o falar “amazônico” aparece como um rótulo (curiosamente, logo acima do “território incharacterístico”), embora sem pouca representatividade na estereotipia. Enquanto outras variedades do português são alvo de performance e manipulação, sobre o “português amazônico” quase nada circula na sociedade.

Apesar de mais de 50 anos de pesquisa sociolinguística no Brasil, nossos conhecimentos estão ainda fortemente concentrados na oposição do português brasileiro ao português europeu, ou no mapeamento sistemático de algumas variedades do que chamamos de português brasileiro. No levantamento realizado pelo GT de Sociolinguística da ANPOLL sobre amostras de documentação sociolinguística, a concentração de projetos que abrangem as capitais e na região litorânea reflete uma política de ciência que é dependente das pós-graduações. A ampliação da documentação sociolinguística só começa a ser sentida pelos

¹ Universidade Federal de Sergipe. E-mail: rkofreitag@academico.ufs.br

resultados da expansão e interiorização da rede federal de educação superior, especificamente com a criação de programas de pós-graduação na área de Linguística e Literatura nas novas instituições, o que tira pelo menos uma parte da Amazônia da área cinzenta da representação sociolinguística. O dossiê Um panorama das variedades linguísticas do português amazônico apresenta uma pequena amostra do potencial que a documentação sociolinguística nesta região tem a oferecer, não só com a caracterização das variedades linguísticas da região, mas também possibilitando avanços na agenda de pesquisa sociolinguística brasileira, ao propiciar a reflexão sobre reprodutibilidade de pesquisa e discutir a estabilidade do português brasileiro.

O dossiê dá notícias de novas amostras de documentação sociolinguística, ampliando os números levantados anteriormente pelo GT de Sociolinguística da ANPOLL, com amostras de fala como a sistematizada pelo banco Fala Manauara Culta e Coloquial, no Amazonas, e a decorrente da documentação de uma comunidades afro-brasileira, Mazagão Velho, no Amapá; amostras de língua escrita, como a constituída com o Jornal a Folha de Boa Vista, de Roraima; e amostras que seguem protocolos dialetológicos, como os Atlas Linguístico do Sul Amazonense e Atlas Linguístico do Amapá, aos moldes do Projeto ALIB.

Novas amostras têm potencial de contribuir não só para descrições linguísticas, finalidade que costuma motivar este tipo de empreendimento; como produtos, têm potencial para subsidiar ações de educação para a diversidade linguística, oferecendo dados autênticos e cientificamente válidos de usos linguísticos que retratam a diversidade cultural, social e linguística do Brasil. Ainda, em alinhamento a uma política nacional para a soberania em Inteligência Artificial, documentações sociolinguísticas de variedades sub-representadas são estratégicas para um plano de inclusão digital.

A sistematização de padrões linguísticos nessas novas amostras oferece resultados que, se por um lado atuam na direção confirmatória da estabilidade do português brasileiro, e por isso, para a homogeneidade de uma representação, por outro, instiga questões sobre condicionantes que atuam da dialeção de variedades relativamente próximas geograficamente. O estudo sobre a concordância em Mazagão Velho - uma comunidade afro-brasileira que, juntamente com Cafundó, em São Paulo, e Helvética, na Bahia, amplia o repertório de possibilidades de exploração dos contatos linguísticos com línguas de matriz africana no português brasileiro em diferentes regiões - apresenta resultados confirmatórios do efeito dos condicionamentos para este fenômeno já identificado nas outras regiões do Brasil: são tempo verbal, escolarização e faixa etária que atuam na seleção da variante de marca explícita. Na mesma direção, o estudo na amostra do banco Fala Manauara Culta e Coloquial aponta que o sujeito preenchido foi mais recorrente do que o nulo, seguindo o padrão já identificado em outras amostras, em outras regiões do Brasil. Os resultados confirmatórios de direcionais de variação no domínio morfossintático em variedades linguísticas representativas de grupos sociais, geográficos e culturais diversos, reforçam a estabilidade deste domínio na construção do português brasileiro (o que nos une enquanto língua).

Já, por outro lado, mesmo em regiões relativamente próximas, a variação se mostra altamente saliente. Os resultados da realização de ditongos no Amapá, com base nos dados do Atlas Linguístico do Amapá, mostram diferenças entre municípios; padrão semelhante se observa com a realização da nasal palatal na mesorregião abarcada pelo Atlas Linguístico do Sul Amazonense. A dimensão diatópica associada à variação fonológica é um efeito conhecido na caracterização dos falares do português brasileiro; a adição de dados sociohistóricos, como os

apresentados nestas investigações, contribui para a identificação de bases a partir dos contatos linguísticos estabelecidos nas comunidades, tanto pela perspectiva histórica, com os fluxos migratórios, como perspectiva da mobilidade, com os vínculos entre comunidades, em especial com a capital. A peculiaridade geográfica da região amazônica, com grandes distâncias físicas entre as comunidades, e com modais de transporte alternativos às rodovias, como os rios, permite explorar outros efeitos dos contatos e dos distanciamentos na configuração de uma variedade linguística, como, por exemplo, se a distribuição de variantes segue associada à direção do rio.

Se o Brasil não conhece o Brasil, linguisticamente, as comunidades que se agrupam no rótulo “português amazônico” também ainda não se conhecem, nem se reconhecem. O estudo de crenças linguística sobre o falar roraimense, ou melhor, sobre como roraimenses acham que falam, aponta a falta da referência, com pistas de um falar “sem sotaque”, “misturado”, etc. Esse resultado reflete a falta de representatividade na construção da estereotípi, um ciclo que se rompe com a ampliação do repertório descritivo das variedades do português, contemplando regiões que ainda são pouco descritas e pouco salientes na representação de estereótipos de falares, como é o caso do português amazônico.

O dossiê Um panorama das variedades linguísticas do português amazônico dá notícias dessa ampliação descritiva que vem acontecendo nas novas pós-graduações que se consolidam na região Norte do Brasil. Não sem esforço e sem obstáculos, a sociolinguística brasileira vai tirando da área cinzenta regiões substanciais do país, e dando cores locais, como mostram os trabalhos deste dossiê na caracterização do português amazônico.